

EDITORIAL

Para a organização temática da seção *Dossiê* desta edição 54 foram convidados dois pesquisadores com trajetória consistente, combinando o envolvimento profundo entre o fazer e o saber. São eles: Sueli Fernandes, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), e Jonatas Medeiros, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Dois radicalmente jovens – vamos assim dizer “estradeiros” – que protagonizam um dossiê inventivo e inquietante, como teria que ser uma escrita colaborativa e com longa estrada de conversações. Eles nos trazem uma das reflexões mais fecundas da contemporaneidade, o tema dos artefatos culturais sinalizados com reflexos de registro videografado e o detalhamento metodológico com as interfaces da língua de sinais e das misturas de linguagens, notadamente, das artes.

O título do Dossiê é “*Libras e arte: manifestações verbovisuais de artefatos culturais da comunidade surda*”. Como disseram os organizadores: “há pouco mais de dez anos não seria possível um Dossiê como este”. Pelas novas faces e fusões de campos, principalmente pela quebra de algumas regras convencionadas e cristalizadas nos periódicos científicos, mas que tendem à mudança, há especificamente uma aposta de parcerias entre pesquisadores doutores e pares mestrandos, englobando os sujeitos das práticas e o envolvimento no/com o campo da empiria.

A pergunta de fundo dos sujeitos das práticas aos que produzem arte sinalizada – artífices da poesia de rua, da atuação teatral, da tradução

artística de espetáculos, da produção de videoguias – seria: “o que eles têm a nos dizer?”. Esses pares foram encorajados a fazer pesquisa e a discorrer eles próprios sobre o processo investigativo, muitos com descobertas pouco sistematizadas na academia. Suas trajetórias geram e vivificam novas e antigas manifestações de artefatos culturais da comunidade surda, trabalhando a tônica de uma escrita teórico-prática a partir daqueles que atuam profissionalmente e ao mesmo tempo foram convidados a estudar, descrever e teorizar sobre sua própria prática.

Assim, os diferentes gêneros e espaços artísticos que envolvem a língua de sinais aqui descritos foram testados intelectualmente por projetos e pesquisas acadêmicas validadas neste periódico. Grande parte do impacto intelectual é trazido aos nossos leitores por reflexões teórico-práticas sobre a ambiência do teatro – e também do museu e da dança. Um mosaico de diferentes linguagens presentes no espetáculo teatral, como teatro surdo, produção teatral sinalizada ou dramaturgia sinalizada, Visual Vernacular (VV), *Slam*, Teatro Surdo Brasileiro (TSB), teatro em equipe, estética no campo da tradução em espetáculos teatrais, Teatro de Animação em Língua de Sinais (TALS). Esperamos que o diálogo aqui aberto se torne permanente.

Na seção *Demanda Contínua*, temos dois artigos: o primeiro, intitulado *A importância da escrita das línguas de sinais: mapeando propostas e resultados de aplicação na literatura acadêmica nacional*, de autoria de Daniele Santana Moreira e Luiz Alexandre da Silva Rosado (DESU-INES); e o segundo, *Fronteiras linguísticas: o que enunciam os Cotas sobre a formação identitária*, escrito por Ricardo E. Sander e Sandra Eli S. O. Martins (UNESP/SP). Ainda publicamos na seção *Material técnico-pedagógico* notícia detalhada com o título *Grupo de pesquisa do INES disponibiliza para download layouts de teclado para escrita no sistema ELiS*, redigida pela nossa equipe editorial em prol da divulgação científica.

Na seção *Produções acadêmicas* trazemos o resumo da dissertação de mestrado do pesquisador Ramon Santos de Almeida Linhares *Traduzir a Surditude: diálogos entre pesquisadores Surdos do Brasil e a Tradutologia das Línguas de Sinais*, defendida em 2019 na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Centro de Comunicação e Expressão (CCE), Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET). Há um resumo com registro em Signwriting (SW), escrita da língua de sinais.

Na seção *Arte e Cultura Surda*, sob o título *Galeria de arte Marcos Anthony*, uma curadoria afetiva e detalhada feita pela pesquisadora Patrícia Rezende (DESU/INES) sobre o renomado artista. Destaque para a arte inédita com que ele nos presenteia para a capa desta edição da Revista Espaço. Marcos Anthony descreve a representação na capa como quatro faces principais que se multiplicam em dez faces, caracterizando a complexidade de várias emoções do ser humano no cotidiano. Isso nos impacta e nos inspira maior compaixão, empatia e abertura em um ano marcado por afastamentos físicos e proximidades virtuais geradas pela pandemia, abrindo outros universos para as experiências afetivas.

Por fim, na seção *Visitando o Acervo do INES*, Solange Rocha nos apresenta um *Conjunto de exercícios escolares de alunos do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos*, datado de 1863.

Boa leitura!

Cristiane Correia Taveira

Doutora em Educação pela PUC-Rio

Professora Adjunta no Departamento de Ensino Superior do INES

Integrante do Programa de Pós-graduação
em Educação Bilíngue PPGEB/INES